

O Marxismo e a Questão da Mulher

Karl Jensen*

Uma mulher é um indivíduo da espécie humana do sexo feminino. As mulheres só podem ser compreendidas no contexto do desenvolvimento da humanidade. O processo de humanização foi longo e incompleto. Marx foi o narrador da história da humanização e, ao mesmo tempo, de suas contradições e obstáculos. A passagem das sociedades tribais para as sociedades de classes e a ascensão do capitalismo e a possibilidade e tendência do comunismo foram, pela primeira vez, apresentadas sob forma teórica. E a mulher? Para as feministas contemporâneas, a mulher estaria ausente dessa história, assim como se acusa Freud, outro grande pensador na história da humanidade, de ter esquecido metade da população humana. Se no caso de Freud há um certo exagero, no caso de Marx é uma afirmação equivocada e infeliz. A história da humanidade, em Marx, é a história de homens e mulheres e, portanto, ela está presente em todos os seus momentos. Por outro lado, Marx desenvolveu teoricamente a análise da relação do processo de humanização e da questão da mulher.

A sucessão de modos de produção na história da humanidade promove mudanças nas relações entre os sexos, a partir de determinações que se estabelecem a partir das relações de produção dominantes e interesses de classes. Nas sociedades tribais, as relações igualitárias entre os sexos, em que pese isso não signifique inexistência de diferenças, e sim de ausência de subordinação da mulher. Engels supôs um “direito materno”, nas pegadas dos primeiros antropólogos, mas isso é questionável. A emergência da sociedade de classes afeta radicalmente a relação entre homens e mulheres, pois com essa se estabelece as relações de produção fundadas na exploração e na propriedade privada como sua expressão jurídica. A propriedade privada individual gera a necessidade do controle da herança e do corpo da mulher. As diferenças físicas reforçam

* Karl Jensen é autor de *Que Fazer? A Resposta Proletária* (Goiânia: Edições Redelp, 2020) e *Os Pseudomarxistas. Breves Perfis de “Marxistas” Dissimulados* (Goiânia: Edições Enfrentamento, no prelo).

esse processo, pois a guerra e a repressão física são formas de manter a propriedade ou conquistá-la. A divisão rudimentar do trabalho entre homens e mulheres serve de base inicial para tal processo. Assim, essas determinações acabam gerando sociedades marcadas pela subordinação e controle da mulher. A mulher não poderia ser livre, pois ela poderia desfazer a propriedade conquistada, e assim, ela mesma se tornou uma espécie de “propriedade”. Claro que, na sociedade escravista antiga, homens e mulheres escravos eram propriedade, mas as mulheres da classe dominante se tornaram parte da propriedade do senhor de escravos, assim como em outras sociedades. O vínculo entre mulher e propriedade privada gerou o controle e a subordinação da mulher da classe dominante, mas não de forma absoluta, pois existiram rainhas e mulheres detentoras de propriedade. Assim, a divisão das mulheres em classes sociais sempre existiu, bem como interesses antagônicos dependendo da classe social ao qual a mulher pertencia.

O processo de humanização foi interrompido pela emergência da sociedade de classes e da propriedade privada que lhe acompanha. Desde o surgimento das sociedades classistas, o processo de humanização se tornou contraditório e ambíguo, avançando em alguns aspectos, mas recuando em outros, e preservando algumas conquistas anteriores. Nas sociedades tribais também havia contradições, mas sua razão de ser remetia para a escassez, pouco desenvolvimento tecnológico, dependência em relação à natureza. Nas sociedades classistas, há um avanço no desenvolvimento das forças produtivas e da tecnologia, a diminuição da escassez, mas isso é conquistado com base na exploração do ser humano pelo ser humano, pela existência da exploração de classe. A situação das mulheres melhorou por um lado (diminuição relativa da escassez para as mulheres, abandono de atividades prejudiciais, proteção relativa contra guerra) e piorou por outro lado (status inferior dentro da sociedade, subordinação, afastamento do processo decisório, etc.).

A emergência da sociedade capitalista parecia, inicialmente, romper com esse processo e apontava para o reino da liberdade, igualdade e fraternidade. Ora, isso significaria a libertação da mulher, bem como do homem. Seria um passo adiante no processo de humanização. Essa doce ilusão se desfez rapidamente quando as revoluções burguesas revelaram que se tratava de liberdade burguesa, igualdade burguesa e fraternidade burguesa. Nesse contexto, vai surgindo um movimento que resgatava os ideais da burguesia revolucionária, mas fazendo-os não apenas formais e para a burguesia, mas substanciais e para a humanidade. É nesse momento que vai emergir o socialismo,

enquanto movimento de ideias e ações ainda confuso, em sua forma utopista, que colabora com o seu desenvolvimento posterior.

A passagem do socialismo utopista para o socialismo teórico explicitou um avanço na compreensão da realidade e no projeto de transformação radical e total das relações sociais, o que significaria uma revolução social. As mulheres não estavam ausentes nesse processo. O movimento feminino vai emergindo no bojo desse movimento revolucionário e, embora também as mulheres burguesas e os ideólogos burgueses façam discursos para as mulheres, nunca ultrapassam as bases sociais da subordinação da mulher e das relações de produção capitalistas. As mulheres lutaram lado a lado com os homens na busca de emancipação humana. Mas não eram todas as mulheres e nem todos os homens. Eram mulheres proletárias e homens proletários, bem como algumas mulheres e homens das classes superiores que romperam com as ideias e vínculos com suas classes de origem e abraçaram a causa da humanidade em geral.

A burguesia progressista ainda mantinha viva alguns elementos oriundos da antiga burguesia revolucionária (que lutava pela revolução burguesa contra a “idade das trevas” da sociedade feudal) e os setores mais moderados do movimento dito “socialista” se aproximava dela e isso gerou uma confusão, bem como cooptação, corrupção, burocratização, oportunismo. A emergência dos partidos social-democratas e de uma imensa burocracia sindical tornou possível “bons burgueses” se dizerem “socialistas” ou “social-democratas” e assim se tornarem próximos do movimento operário. Ao mesmo tempo, as burocracias emergentes, com seus interesses de classe, vão tomando conta do movimento de contestação e acaba afogando o socialismo utopista, o marxismo e o anarquismo em suas ideologias e reformismo, bem como luta por espaços institucionais (o paraíso para a burocracia). O movimento feminino, já dividido entre uma tendência proletária e uma tendência burguesa, também passa a ter uma tendência “progressista”, que busca substituir a tendência proletária e em muitos casos se afirmar como “marxista” (um falso marxismo, seguindo a social-democracia e bolchevismo).

A situação da mulher na sociedade capitalista melhorou por um lado e piorou por outro. Sem dúvida, as mulheres da classe burguesa passam a ter toda a riqueza à sua disposição e, caso queiram, basta usufruir e aceitar as condições desse “contrato burguês” com os indivíduos do sexo masculino, gerando usufruto da riqueza e luxo em troca da reprodução do modo de ver e agir da burguesia, o que é fácil tendo em vista que compartilham os mesmos interesses de classe, mesmo que algumas mulheres queiram

mais (poder, autonomia, etc., o que pode ser feito individualmente, passando de “coadjuvante” para “protagonista”, como diversas mulheres burguesas fizeram).

As mulheres das classes auxiliares da burguesia vivem em situação semelhante, mas de acordo com o modo de vida e posição social de sua classe. As mulheres da classe burocrática aceitam o “contrato burocrático” e as que querem ir além, buscam se inserir nas organizações burocráticas e ascender na hierarquia burocrática. As mulheres da classe intelectual efetivam o mesmo processo. A competição social e sua intensificação com o passar do tempo vai gerando conflitos internos e logo as mulheres dessas classes querem mais espaço e lugar ao sol e é dessa forma que elas enxergam a “emancipação feminina”.

Isso vai se reproduzir no movimento feminino. A competição por espaços, cargos, etc., passa a interferir nas relações entre mulheres e homens e nesse processo, aparecem como “luta feminina”, mas, no entanto, é competição social e não luta social. Isso vai ter ressonância nas mulheres das classes inferiores, embora parcial.

As mulheres, no capitalismo, conseguiram as liberdades formais e vantagens que todos os indivíduos conseguiram nessa sociedade no nível formal, embora tardiamente em alguns casos e em condições sociais específicas. Por outro lado, o discurso progressista burguês e da burocracia e intelectualidade a favor de uma igualdade burguesa foi divulgado e acabou hegemonizando o movimento feminino das classes superiores, gerando o feminismo. Assim, as lutas femininas passaram a viver com toda a rica variedade de mesquinhez que já existia no interior das lutas burocráticas de partidos social-democratas e da esquerda em geral, no qual os interesses individuais aparecem como interesses das “mulheres”, para citar apenas um exemplo. As lutas femininas, em muitos casos, se tornaram “moeda de troca” na luta por vantagens competitivas no interior do capitalismo.

Porém, o que tudo isso mostra é que o processo de humanização no capitalismo empacou e dificilmente avançará mais. O capitalismo teve como grande mérito o desenvolvimento das forças produtivas, condição de possibilidade para a libertação humana. E isso foi conquistado tendo por base uma exploração intensa, sugando sangue de gerações de trabalhadores, e provocando morte, miséria, massacres. Essa máquina devoradora de homens gerou as mais variadas formas de barbarismo e recuo do processo de humanização, não apenas com o processo de exploração do proletariado, mas com suas guerras, com o fascismo, o nazismo, o racismo, o sexismo, no qual parte dos seres

humanos são tratados como coisas ou como seres inferiores. A expansão da fome, atingindo milhões de pessoas, é parte desse barbarismo.

No capitalismo contemporâneo, um capitalismo bárbaro, temos a fome e o desemprego se espalhando, ao mesmo tempo que temos o retorno de doenças e outros processos anteriormente tido como superados, e a transformação das lutas sociais em disputas individuais e competição social. A fome já chegou a atingir cerca de um bilhão de seres humanos e, destes, a metade, certamente eram mulheres. Assim, as conquistas das mulheres das classes superiores não são conquistas das mulheres em geral, mas apenas delas e para elas. Enquanto as mulheres não colocarem o problema da totalidade da sociedade e a questão fundamental da luta de classes como elemento para explicar e transformar o mundo, não teremos libertação das mulheres, nem libertação humana. O passo seguinte da humanização estará impedido de se realizar. E essa recusa da totalidade e do significado da luta de classes é a pedra de toque do feminismo¹.

O capitalismo cria as condições para a libertação humana e, ao mesmo tempo, é o seu maior obstáculo. Ele desenvolve as forças produtivas e permite abolir a fome, a miséria, a exploração, a dominação, a subordinação da mulher, a irracionalidade, os preconceitos, mas ele apenas gera mais desenvolvimento das forças produtivas e de acordo com suas necessidades e não de acordo com as necessidades humanas. Um desenvolvimento das forças produtivas humanizado libertaria a humanidade da miséria, mas não é isso que ocorre, pois ele ocorre nos quadros das relações de produção capitalistas, o que significa que seu motor é a busca do lucro, a extração do mais-valor, em escala ampliada. Aliás, as últimas notícias e tentativas de avanço na exploração de outros planetas apontam para o objetivo capitalista: conquistar o universo e empobrecê-lo com a ânsia capitalista. Assim, a libertação feminina pressupõe abolição do capitalismo. E as supostas “conquistas” femininas recentes podem, a qualquer momento, regredir, especialmente com a intensificação das contradições, crises, que podem gerar regimes ditatoriais e nesses, a moderação diminui, os “bons modos” e o “bom-mocismo”

¹ Em alguns casos explicitamente, em outros implicitamente. Há, sem dúvida, algumas feministas que reconhecem a luta de classes, mas de forma secundarizada ou decorativa. Há também o suposto “feminismo marxista” ou “anarquista”, duas adulterações políticas, pois não entenderam a essência do feminismo. Claro que em alguns casos o nome “feminismo” é usado equivocadamente e algumas dessas mulheres são marxista e anarquista e unem isso com a luta feminina, confundindo com “luta feminista”, um equívoco terminológico problemático e que gera confusão e legitimação para coisas ilegítimas.

perdem espaço, e as cotas são reduzidas a algumas poucas migalhas para quem mantém fidelidade aos “novos” donos do poder.

Os avanços da condição feminina no capitalismo ocorrem com os retrocessos. E por mais incrível que pareça, nos avanços se revelam retrocessos. A reivindicação de trabalho para as mulheres, que sempre acompanhou as lutas femininas, é, uma conquista por poder diminuir a subordinação feminina no espaço doméstico, mas é um recuo por ser sua inserção no trabalho alienado (que ser mulher proletária, será via exploração e dominação), ou seja, outra forma de se autodestruir. A miséria masculina alcança as mulheres. A violência laboral é tida como “libertação”, pois a ideia de emancipação feminina ocorre nos quadros da sociedade burguesa, ou seja, do mercado, do dinheiro, do poder.

Mas isso pode ser visto na relação entre os sexos no plano sexual. A mulher-mercadoria não deixou de existir, pois a prostituição não foi abolida, bem como o casamento por interesse e outras formas de mercantilização do corpo feminino, mas emergiu algo considerado “progressista”: a mulher independente. Mas aí surge as demandas do trabalho alienado, o inferno laboral, bem como novos conflitos, a tendência para a solidão, para novas formas de conflitos em substituição das velhas formas, pela competição no interior da própria família, entre outras contradições. A independência tem, para usar expressão bem capitalista, um preço. E o preço é alto. E independência não quer dizer libertação, mas apenas troca de prisão. Cada uma pode decidir qual prisão é menos ruim, mas nenhuma mulher pode se libertar das prisões em geral enquanto estiver no capitalismo. O mesmo vale para os homens.

As relações amorosas autênticas deixam de existir na maioria dos casos e a infelicidade, solitária ou compartilhada, se reproduz na esfera afetiva e familiar. A miséria psíquica gerada pela sociedade capitalista é outro elemento que se intromete nas relações amorosas e essas e suas decepções podem reforçá-la e ampliá-la. Se iniciou um processo de humanização da sexualidade, mas sob forma contraditória, e sua mercantilização gerou sua desumanização. A miséria sexual é apenas mais um subproduto do capitalismo, que vai do moralismo conservador (e da hipocrisia) ao imoralismo subjetivista (e da coisificação). E no seu interior o processo interrompido de humanização da sexualidade não pode ser retomado.

Assim, a situação das mulheres melhorou e piorou, avançou e regrediu. O mesmo ocorreu com os homens. Sem dúvida, em situações e contextos diferentes. O que interessa

é que a libertação da mulher só pode ocorrer com a libertação humana e essa só pode se efetivar com a abolição do capitalismo e instauração da autogestão. O capitalismo bloqueou o processo de humanização e em suas fases de crises gera um retrocesso amplo e reforça a desumanização ampliada. Estamos a um passo da selvageria. E quando a selvageria se instala, os mais fracos são as primeiras vítimas. Depois vem os menos fortes. Alguns dos fortes vão cair. A selvageria não reconhece direitos, compaixão, piedade. A selvageria é o reino absoluto do mais forte. O feminismo contemporâneo é expressão da atual fase do capitalismo. É uma mistificação que ilude mulheres e as desviam da verdadeira luta pela libertação feminina para conquistas irrisórias no interior do capitalismo, trazendo benefícios e malefícios.

A libertação da mulher significa não apenas que ela se livra das prisões que a acorrenta, mas também que ela pode realizar suas potencialidades, sua criatividade, e estabelecer relações autênticas. Isso é impossível no trabalho alienado e sob a sociabilidade capitalista. A possibilidade da mulher desenvolver suas potencialidades, gerar tecnologia, arte, criatividade, está vedada na sociedade capitalista não apenas pela socialização feminina (a socialização em geral aponta para o impedimento disso tanto para homens quanto para mulheres, mas no caso delas há um adicional, que é o espaço que lhe foi reservado na sociedade), mas também pela própria especificidade das relações de produção capitalistas e conjunto das relações sociais. Por outro lado, a possibilidade de relações autênticas, desde as maternas e paternas, bem como as amorosas e as fraternas, entre outras, é extremamente difícil e para os sortudos que possuem pais, amantes ou amizades extraordinárias (pois é algo que não é comum, não é ordinário), se deparam com limites impostos pela sociedade, limites desses indivíduos que conseguem avançar mas não conseguem se livrar das forças externas e dos problemas internalizados, do obstáculo representado pelo dinheiro e poder, que, direta ou indiretamente, interferem nas relações. Assim, a relação de uma filha com uma mãe ou com um pai, por mais extraordinários que eles possam ser, estará perpassada por essa sociedade, e tanto a filha quanto o pai e a mãe são atingidos, em sua mente e em suas condições efetivas e sociais, pois sofrem com o trabalho alienado, com os problemas familiares, com os fantasmas do passado e as exigências (financeiras, por exemplo) do presente. E a mulher, quando é filha, também está perpassada pelas exigências externas, com seus problemas próprios, com as expectativas e projetos, com os limites impostos pela sociedade. O mesmo vale para os casais enamorados, mesmo os mais excepcionais, pois sempre existe a sociedade

cobrando milhares de coisas que interferem nas relações amorosas. Não existem ilhas paradisíacas de felicidade no interior do mar infernal do capitalismo. Existem alguns casos de relações mais humanizadas, mas com limites e apenas parcialmente, enquanto que a maioria esmagadora da população não possui nem sequer a possibilidade dessa experiência. A sinceridade, por exemplo, é um caso raro e aqueles que a manifestam são considerados demasiadamente estúpidos e ingênuos. Numa sociedade onde reina a falsidade, a autenticidade é tida como falta de inteligência². As consequências disso são visíveis: solidão, hipocrisia, falsidade, interesses ocultos, oportunismo, etc.

Assim, a mulher não conseguirá se libertar, ser realmente livre, ser um ser ao mesmo tempo autônomo, criativo, satisfeito, autêntico, numa sociedade que nega tudo isso para todos. Enquanto as mulheres não criarem um movimento que reconheça essa totalidade e as raízes de sua insatisfação e lute por uma libertação real, total, autêntica, a sua situação tende a se manter (com variações, situações diferenciadas de acordo com as divisões sociais e de classe, avanços e recuos, etc.). Enquanto se iludirem com as ideologias feministas e se perderem com discursos sobre gênero e outras mistificações, não poderão dar uma contribuição mais ampla para o passo seguinte da humanização. Só poderá existir uma mulher livre quando todas as mulheres forem livres. E as mulheres só poderão ser todas livres se os homens também forem todos livres.

Quando Marx analisou a história da humanidade apontou para a tendência no sentido da humanização, bem como para os seus obstáculos. Ele não pode perceber plenamente o obstáculo burocrático, bem como outros, que se consolidaram após sua morte. O processo de humanização é uma tendência e significaria a libertação humana, de homens e mulheres. A sua afirmação segundo a qual o grau de civilização de uma sociedade pode ser medida pelo estágio da relação entre homens e mulheres é expressão dessa consciência do processo de humanização. O grau de civilização de nossa sociedade, a capitalista, é muito baixo, tal como se vê no atual estágio de relação entre mulheres e homens. E não ultrapassará os seus limites. Os limites do capitalismo são os limites do desenvolvimento feminino. A autorrealização das mulheres pressupõe a abolição do capitalismo. O resto é ilusão ou soluções individualistas ou, ainda, oportunismo. Só resta

² E de certa forma é realmente falta de inteligência, pois ser autêntico nessa sociedade é o mesmo que ser presa fácil para os lobos que nos cercam. Assim, uma autenticidade relativa é o que é permitido e mesmo assim já é visto como estupidez por alguns. Não é possível um indivíduo completamente autêntico numa sociedade de inautênticos. Somente quando todos os seres humanos forem autênticos é que um indivíduo poderá ser plenamente autêntico, o que pressupõe uma sociedade radicalmente diferente.

um caminho para os seres humanos que querem um novo mundo sem amarras e na qual possam se autorrealizar nas suas atividades e relações sociais: a luta pela autogestão.